

K4R00016

Antropólogo

# Uma paixão pelo trópico

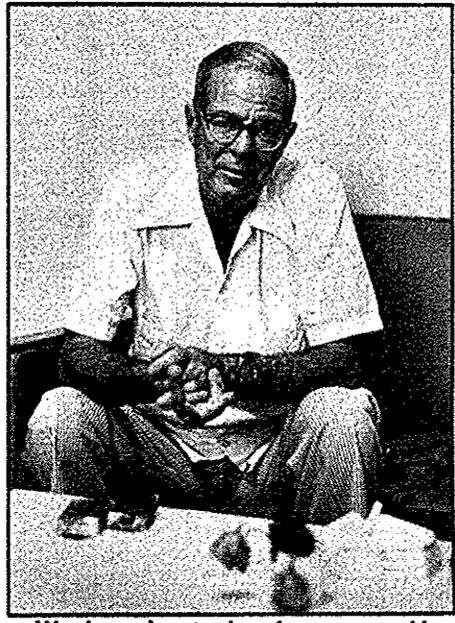
O DECANO DOS BRAZILIANISTS FALA DE 37 ANOS DE ESTUDOS SOBRE UM PAÍS QUE O DESCONHECE

Por Nirlando Beirão

O Brasil que Charles Wagley esperava encontrar, há 37 anos, ao embarcar em Nova York com destino às matas do Xingu e do Araguaia, não era muito diferente do painel de exotismos imaginado ainda hoje por um típico turista norte-americano. Wagley contava com índios, aranhas, negros, epidemias de malária, caçadores vestidos à safári — “e, evidentemente, a bela capital do país, Buenos Aires”, ironiza ele, com algum exagero. Na realidade, sua viagem obedecia a intenções passageiras e específicas: estudar uma tribo de índios nas vizinhanças da ilha do Bananal, em Goiás. Seria sua contribuição, como antropólogo, para um trabalho que naturalistas, cronistas e pesquisadores estrangeiros já vinham realizando, pelos séculos afora, desde a descoberta do Brasil.

No entanto, os interesses exclusivamente acadêmicos de Wagley acabariam evoluindo para uma imensa fascinação pelo Brasil. Casou-se com uma brasileira, aprendeu a falar tupi, conhece toda a Amazônia, cita Euclides da Cunha ou Lima Barreto de cor, é capaz de enfrentar caldeiradas de acarajé bem apimentado. Nos Estados Unidos, trocou Nova York, onde trabalhava na Universidade de Colúmbia, pela Flórida, só para viver sob um clima que de alguma maneira lembrasse o brasileiro. Tudo isso credencia hoje este prestigioso antropólogo de 62 anos a disputar com qualquer nativo uma competição de brasileiroismo.

A relação de Wagley com o Brasil, porém, não se esgota nos limites de uma paixão pelo exótico tropical. Ao contrário dos pesquisadores estrangeiros que aqui coletam seus dados e depois os separam num trabalho individual, uma tese de mestrado, um trabalho acadêmico, Wagley preferiu se dedicar à formação de várias gerações de especialistas em Brasil. Os discípulos norte-americanos e os brasileiros que ele teve — primeiro no Instituto de Estudos Latino-Americanos, da Universidade de Colúmbia, e, nos últimos cinco anos, na Universidade da Flórida — apontam-no, por isso mesmo, como “o decano dos



Wagley: dos tapirapés ao acarajé

*brazilianists*”. O próprio Brasil, no entanto, continua ignorando esse seu devotado estudioso. Pois sua única obra publicada aqui foi “Uma Comunidade Amazônica” (“An Amazon Town”), escrita em 1948. Convidado de honra do Encontro Nacional de Antropologia, realizado há duas semanas, em Salvador, Wagley concedeu esta entrevista a VEJA.

## No cassino, um sinal de boa sorte

VEJA — *Como é que nasceu seu interesse pelo Brasil, como antropólogo?*  
WAGLEY — Confesso que foi meio acaso. Formado pela Universidade de Colúmbia, em Nova York, eu fizera meu trabalho de campo para a tese de doutorado no México e na Guatemala. E, recém-doutorado, decidi vir estudar uma tribo de índios brasileiros, os tapirapés, que acabavam de ser pacificados. Desembarquei no Rio em 1939, fui na mesma noite até o então famosíssimo

Cassino da Urca, ganhei 100 dólares na roleta e pressenti nisso um sinal de boa sorte. De fato, desde então, minha vida pessoal e minha carreira universitária jamais se desligariam do Brasil. E não posso me queixar disso.

VEJA — *Mas por que estudar especificamente esses índios tapirapés?*

WAGLEY — Foi uma escolha que obedeceu a interesses puramente acadêmicos. Este é um grupo de fala tupi, o único entre várias outras comunidades indígenas de línguas e cultura absolutamente diferentes que viviam naquela região a oeste da ilha do Bananal, no sentido do Xingu. Na época, os tapirapés eram praticamente desconhecidos, embora já tivessem sido contactados e pacificados. Eu queria estudar uma tribo nessas condições — ou seja, que possuísse suas tradições culturais ainda razoavelmente intatas, mas onde já se pudessem investigar igualmente os primeiros efeitos do contato com o branco. Além disso, havia uma suspeita, por parte de etnólogos brasileiros e estrangeiros, de que esses tapirapés fossem os derradeiros remanescentes dos tupi-nañbás.

VEJA — *E eram realmente?*

WAGLEY — É possível que sim, embora eu não possa afirmá-lo até hoje com toda a convicção científica. Mas, repare: não havia qualquer outro grupo que falasse tupi à sua volta, o que sugere que a comunidade tapirapé tenha chegado ali procedente de outra região. Provavelmente do litoral, tal a quantidade de termos e episódios que sobreviviam em sua língua e em sua mitologia relacionados com o mar. Mas as histórias que a tribo contava eram sempre omissas, a memória histórica dos tapirapés parecia fraca — o que talvez signifique que quisessem se esquecer dos tempos anteriores, traumatizantes e difíceis, de perseguições e de massacres por parte dos portugueses.

VEJA — *Mas esse não foi um problema que todos os índios brasileiros enfrentaram?*

WAGLEY — Os tupinambás, mais que os outros. Eles eram os índios do litoral, os primeiros que os colonizadores encontraram. Portanto, os mais sofridos. Mas, por outro lado — e aí está seu interesse para o pesquisador —, foram os índios de influência mais marcante na cultura brasileira. Quase tudo que o português aprendeu do índio sobre flora e fauna, por exemplo, lhe foi ensinado pelos tupinambás. Além disso, as aldeias possuíam um sistema de organização social extremamente interessante, bem particular, baseado, segundo alguns antropólogos, numa forma de socialismo primitivo, sem propriedade privada e sem estratificação. O brasileiro Florestan Fernandes e o francês Alfred Métraux estudaram os tupinambás detalhadamente e ainda assim ficaram algumas dúvidas. Até hoje não se entende, por exemplo, por que havia tantas guerras entre as aldeias tupinambás. Outra questão sem resposta: pode-se falar numa nação tupinambá? Ou eram apenas, como entre os outros índios, aldeias isoladas?

## “O índio sempre saiu perdendo”

VEJA — *Evidentemente, as condições de contato com esses grupos indígenas nos anos 30, quando o senhor começou a estudá-los, eram muito mais espinhosas.*

WAGLEY — De fato. Em primeiro lugar, havia todas aquelas narrativas sobre massacres de expedições brancas, que nos atemorizava. É claro que, se fosse para estudar os xavantes, eu não iria. Mas os tapirapés tinham fama de ser dóceis. E, depois, um acaso nos facilitaria o contato. As margens do Araguaia, a caminho da aldeia, eu e meu guia goiano, o negro Valentim, encontramos um menino tapirapé que tentava achar a trilha de volta para sua aldeia. Ele havia sido levado por missionários dominicanos, que pretendiam catequizá-lo e ensinar-lhe o português. Mas, em certo momento, o garoto se cansou daquilo e decidiu regressar à sua gente. Chamava-se Opronãxui e está vivo até hoje.

VEJA — *Quer dizer, então, que sua expedição se resumia no senhor e em seu guia?*

WAGLEY — Na verdade, o trabalho de campo, naquela época, era uma aventura — e me orgulho de ter sido assim. Hoje em dia, um aviãozinho te-co-teco pode pousar praticamente ao lado da aldeia tapirapé. Em 1939, é claro, avião era uma alternativa inviável para nós, antropólogos e etnólogos. Não havia um campo de pouso na região. Le-

vávamos pelo menos vinte dias de viagem, por ferrovia, caminhão, canoa e a pé: de São Paulo até a aldeia, descendo pelo Araguaia. E, como a viagem era longa, acabávamos ficando muito tempo junto aos índios. Dessa primeira vez, fiquei nove meses — e só voltei a São Paulo para me curar da malária que contraí. Dois meses depois, eu estaria de novo entre os tapirapés, para uma nova temporada de mais de meio ano. E, desde então, nunca mais perdi contato com eles, mesmo que apenas através de relatórios oficiais ou de narrativas de outros estudiosos. A última vez que estive na aldeia foi em 1968.

VEJA — *Os contatos dos tapirapés com os brancos devem ter aumentado desde então. O senhor, que os conheceu em estado praticamente puro, como é que sente as transformações operadas a partir desse encontro com o homem branco?*

WAGLEY — Na verdade, além dos tapirapés, estive estudando também, em épocas diferentes, os teneteharas, da família dos guajajaras. Por isso, acho que tenho condições de generalizar. Na minha opinião, o índio sempre saiu perdendo. Basta ver quantos existiam e quantos existem hoje, depois da presença branca. Sem falar na morte cultural, que é igualmente brutal. O índio se encanta com os bibelôs dos civilizados e abandona a aldeia pela mendicância, pela cachaça, pelo fascínio da cidade grande.

VEJA — *Em sua opinião, o que se deve fazer com o índio? Aculturá-lo? Assimilá-lo? Deixá-lo isolado?*

WAGLEY — Sendo um irremediável otimista, eu acho possível conciliar o progresso e a sobrevivência do índio. No fundo, a questão pode ser resumida em pontos extremamente simples — e parece que a Funai tem conseguido definir, a partir daí, uma política bem realista em relação ao índio. Por exemplo, deve-se, antes de mais nada, garantir a ocupação e o uso da terra pelo índio. Afinal de contas, já não há tantos índios assim nesse país e não é tão pequena a terra. Reservas como o Parque Nacional do Xingu têm que ser criadas e preservadas — ainda que se tenha de lutar por ela contra a ganância das grandes empresas. Só se tiver sua terra é que o índio se fixará, defendendo-se contra a quase irresistível atração da estrada, dos tratores, da cachaça, da cidade, do dinheiro.

VEJA — *O senhor fala em lutar pela terra. Mas quem é que está do lado do índio? Os adversários, como o senhor afirma, são claramente mais poderosos do que ele.*

WAGLEY — No Brasil, existe uma

instituição federal encarregada de defender os interesses do índio, a Funai. Portanto, todos aqueles que pretendem ajudar a defender o índio devem dar força à Funai. O velho Serviço de Proteção ao Índio era podre, não só pelos homens mas pelas próprias condições em que trabalhava. A Funai já dispõe, por exemplo, de maiores verbas — e uma das tarefas seria pressionar para que essas verbas cresçam. Estou convencido de que há condições de se enfrentar as companhias internacionais de mineração ou de extração vegetal que estão atuando no norte do Brasil, embora seja uma luta difícil.

## Em defesa das pequenas comunidades

VEJA — *Mas ao mesmo tempo que mantém a Funai, o governo brasileiro se empenha também no desenvolvimento nacional, que inclui a ocupação da Amazônia. Como conciliar as duas coisas?*

WAGLEY — Insisto que sou otimista. Obviamente, até mesmo por motivos estratégicos, o imenso espaço amazônico tem de ser ocupado, colonizado, coberto de estradas, integrado economicamente ao resto do país. Em resumo, só mesmo os românticos é que não admitem o progresso. Ele é inevitável. Mas pode ser controlado, disciplinado, organizado.

VEJA — *O senhor diria que a ocupação e a colonização da Amazônia estão se processando assim, dessa forma racional, organizada?*

WAGLEY — Não, acho que se estava fazendo tudo com uma certa pressa. Aliás, este parece ser um dos traços do caráter nacional brasileiro. De repente, descobre-se uma imensa tarefa e todos os esforços se voltam naquele sentido. Vejam o caso de Brasília. Só mesmo no Brasil é que se construiria uma capital federal em tão poucos anos. A Transamazônica é o exemplo atual desse estado de espírito, dessa pressa, quase uma afoiteza. Pelo menos foi assim no governo Medici. Um governo sabe que logo virá outro e trata de apressar as coisas. E, na verdade, os primeiros passos dados na colonização da Amazônia foram um pouco afoitos, embora não tivessem sido um desastre total.

VEJA — *E o senhor acredita que a política de ocupação da Amazônia esteja mudando?*

WAGLEY — No nível oficial, do governo, sim. E para melhor. Percebeu-

continua na página 6

continuação da página 4

se, por exemplo, que a política de levar imigrantes, em grandes levadas, até o norte, estava ficando dispendiosa demais. Agora, a imigração vai se fazendo de forma mais lenta. É inútil dar ao colono apenas terra. Ele precisa também de casa, escola, assistência médica, instrumentos agrícolas, instrução de como trabalhar a terra. E o governo começa a perceber esta realidade. Parece que está sepultada, por exemplo, aquela velha suposição de que o Amazonas é que tem de resolver o problema da miséria do nordeste. É impossível mudar 16 milhões de nordestinos pobres, de uma hora para outra, para lá.

VEJA — *O senhor ressalvou que a política está mudando, para melhor, no âmbito do governo. Onde é que os problemas ainda permanecem?*

WAGLEY — O problema mais grave — e o governo está envolvido, ainda que indiretamente — é que estão sendo dadas concessões muito grandes às companhias multinacionais enquanto o pequeno posseiro continua esquecido. Trata-se de um erro de visão geográfica e histórica. A Amazônia, ao contrário do que sempre se alardeou, não é vitimada por nenhum gênero de fatalismo climático, ecológico, ou o que seja, que a impeça, por exemplo, de praticar a agricultura. Há mais de 25 anos, estudei uma cidadezinha paraense, Gurupá, onde vive uma comunidade tradicional, em torno da economia da extração da borracha e de pequenos roçados. E percebi que o desenvolvimento econômico da região não precisa se basear numa grande empresa extrativa, em imensos projetos agrícolas de alta escala — mas no crescimento e na expansão dessas próprias comunidades, de pequeno porte. A terra lá não é tão ruim assim como se diz.

## “Colonizar a Amazônia, mas sem pressa”

VEJA — *O senhor acredita que toda política de colonização tinha de ser mudada?*

WAGLEY — A economia amazônica sempre foi extrativa e este é seu principal mal. Se a colonização for entregue de preferência às grandes empresas, a economia continuará extrativa. Isto é, um dia a fonte de riquezas se esgotará. Foi o que aconteceu, de certa forma, com a borracha. Depois da época de grande esplendor, vem a decadência. É claro que não se trata, por exemplo, de abandonar as imensas reservas de minério de ferro da serra dos Carajás, evi-

dentemente. Mas o dinheiro da extração desse minério deveria financiar o estabelecimento de pequenas comunidades tipicamente brasileiras, com suas terras, seus roçados, de população empregada na agricultura e na pequena indústria. O risco que se corre é que o ferro acabe, que o manganês se esgote — e que a Amazônia nunca se colonize. Sem dúvida, é muito mais fácil promover a ocupação e a integração econômica através de grandes investimentos de capital, sobretudo capital estrangeiro. Mas por que razão não se pode fazer tudo mais devagar? Ninguém tem tanta pressa assim.

VEJA — *Aparentemente, este tema, a ocupação da Amazônia, tem repercutido de maneira intensa nos Estados Unidos. Sobretudo por suas supostas implicações ecológicas para todo o mundo. O que se pensa hoje em dia disso em seu país?*

WAGLEY — Há episódios, como a construção da Transamazônica, que realmente fascinaram a imaginação norte-americana, sobretudo porque, de certa forma, fazem evocar episódios semelhantes de nossa História, da saga da colonização do oeste. Na universidade, porém, tem-se uma visão mais realista. Concepção que, aliás, não tem nada a ver com as notícias veiculadas por uma imprensa sensacionalista, que acredita que a colonização do Amazonas implica um grande risco ecológico para toda a humanidade — e que a região deveria ser preservada, em mata virgem, como uma espécie de “pulmão do mundo”. O pior é que tais miragens acabaram ganhando certo prestígio em outros setores, pretensamente sérios. O famoso Hudson Institute, com seus estranhos futurólogos, falou em fazer da Amazônia um imenso lago, cercado de florestas, para impedir a devastação. Uma idéia claramente fantasista.

VEJA — *A propósito, é falsa ou correta a impressão que se tem daqui de que o Brasil estaria se tornando uma espécie de país da moda, nos meios acadêmicos norte-americanos?*

WAGLEY — Sinto que existe, na verdade, grande interesse pela América Latina, em geral. É um interesse que não havia há quinze, vinte anos. Mas as transformações sociais que abalaram o continente, desde a década de 50, chamariam a atenção dos sociólogos, cientistas políticos, antropólogos e economistas norte-americanos — e hoje em dia já se formou mais de uma geração de pesquisadores voltada exclusivamente para a América Latina. E creio que a terça parte deles se interessa especialmente pelo Brasil, por sua complexidade de aspectos.

VEJA — *Como é que esses brasileiros trabalham nos Estados Unidos: mantêm vínculos de colaboração em seus estudos ou seu trabalho é eminentemente pessoal, isolado?*

WAGLEY — Normalmente, todos se reúnem em torno de centros, como o Instituto de Estudos Latino-Americanos, que fundamos na Universidade de Colúmbia, ou em instituições semelhantes. A Universidade de Wisconsin possui também hoje em dia um pessoal razoavelmente grande, inclusive Thomas Skidmore, um dos mais famosos *brasilianists* da atualidade. Mas é a Universidade da Flórida, onde estou há cinco anos, que agrega agora o maior grupo de especialistas no Brasil. Além disso, há ocasionais encontros mais amplos, como os congressos de Americanistas — que, este ano, vai reunir em Paris batalhões de especialistas nos mais diferentes temas relativos ao continente.

## Uma tecnologia para os trópicos

VEJA — *Em contato com seus alunos brasileiros, em suas visitas periódicas ao Brasil, em seus estudos etnológicos e em seus trabalhos de campo, o senhor acompanhou praticamente quatro décadas de profundas transformações sofridas por este país. Existe alguma que lhe chamou particularmente a atenção?*

WAGLEY — Minhas referências mais claras são, obviamente, meus próprios trabalhos, sobre os índios e sobre a Amazônia. Mas é verdade que, de toda esta convivência com o Brasil, ficou uma pequena idéia fixa, uma loucurazinha particular — que, a princípio, não foi inspirada por noções rigorosamente científicas, mas por uma intuição individual. Em 1942, ao passar por Belém, estranhei que fosse necessário andar de paletó e gravata na primeira classe dos bondes municipais. Mas este não é um país tropical?, tratei de me perguntar. E fui em frente no raciocínio. Hoje em dia, estou convencido de que tudo no Brasil deveria ser determinado por sua tropicalidade. Não há sentido em vestir terno e gravata sob um calor de 40 graus, como não há sentido em se recusar o hábito da sesta. Mas não só horário de trabalho ou hábitos de vestuário deveriam ser mudados. Acho que aqui deveria nascer uma nova ciência, adaptada aos trópicos, que pudesse desenvolver uma tecnologia própria, e não uma tecnologia importada de países temperados. Sou a favor de uma arquitetura tropical, costumes alimentares tropicais, uma moda tropical. Felizmente, o brasileiro parece que começa a se convencer disso.